

OS IMPACTOS DA MODERNIDADE NA IGREJA CATÓLICA

VALLE, Rossemary Aragão¹

RESUMO

Este artigo aborda os impactos da modernidade na igreja católica. Essa problemática traz à tona a necessidade em analisar de que modo este novo sistema afetou a estrutura da mesma, seja em relação à teologia e à doutrina, seja em relação às suas atividades práticas. Justifica-se pela necessidade de delimitar o processo histórico ocorrido nesta instituição ao longo dos diversos períodos, de modo a propiciar uma melhor compreensão desse desenvolvimento como um todo. Para poder entender este aspecto, contempla-se principalmente como a potencialização da influência do pensamento relativista e secularizador pode afetar diretamente na consciência de adesão e seguimento dos fiéis, a ponto de criar uma oscilação de opções. Utiliza-se do método bibliográfico qualitativo como instrumento de investigação e aprofundamento.

Palavras-chave: Igreja Católica. Modernidade. Reforma.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho se propôs a analisar a seguinte problemática: de que forma a modernidade impactou a igreja católica? De que modo que os acontecimentos da era moderna influenciaram o curso de ação da igreja católica?

A pesquisa se justifica pela necessidade de se delimitar os principais pontos acerca da história da igreja católica. Como objetivo central deste trabalho está a delimitação de em que medida e de que forma a igreja católica foi afetada pela modernidade.

¹ Aluna do curso de Licenciatura em Ciências da Religião do Centro Universitário Internacional UNINTER. Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso.

Em um primeiro momento buscou-se delimitar, resumidamente, o que foi a modernidade, de modo a identificar com alguma propriedade o que foi o período histórico relacionado à igreja católica no presente trabalho.

Em um segundo momento, buscou-se analisar os dois grandes acontecimentos modernos relativos ao cristianismo, a saber, a reforma protestante, iniciada a partir dos posicionamentos teológicos de Martinho Lutero, e a contrarreforma, sistematizada no Concílio de Trento.

Por fim, buscou-se interpretar quais foram os principais impactos destes acontecimentos e da modernidade de modo geral no curso de ação da igreja católica, de modo a delimitar em que medida este período influenciou a teologia católica e sua ação prática em relação aos seus fiéis e à sua expansão global.

2. A MODERNIDADE

A fim de facilitar e precisar a análise acerca dos impactos da modernidade na igreja católica, se mostra necessário delimitar, de forma resumida, mas geral, o que foi a modernidade. No entanto, delimitar o que foi a modernidade é uma tarefa de extrema dificuldade. As complicações que permeiam tal tarefa se tornam ainda maiores ao passo em que se busca delimitar o início e o possível fim da modernidade. Posto isso, para uma primeira aproximação de um conceito de modernidade, de acordo com Giddens:

[...] digamos simplesmente o seguinte: “modernidade” refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência. Isso associa a modernidade a um período de tempo e a uma localização geográfica inicial, mas por enquanto deixa suas características principais guardadas em segurança numa caixa preta. (GIDDENS, 1991, p. 11).

Giddens, portanto, nos apresenta uma definição inicial de modernidade. Segundo o autor, a modernidade surge no século XVII na Europa como uma nova forma de

organização social. Porém, deixa suas características específicas de fora de sua definição inicial. Conforme Giddens:

Os modos de vida produzidos pela modernidade nos desvencilharam de todos os tipos tradicionais de ordem social, de uma maneira que não tem precedentes. Tanto em sua extensibilidade quanto em sua intencionalidade, as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas que a maioria dos tipos de mudança característicos dos períodos precedentes. Sobre o plano extensional, elas serviram para estabelecer formas de interconexão social que cobrem o globo; em termos intencionais, elas vieram a alterar algumas das mais íntimas e pessoais características de nossa existência cotidiana. Existem, obviamente, continuidades entre o tradicional e o moderno, e nem um nem outro formam um todo à parte; é bem sabido o quão equivoco pode ser contrastar a ambos de maneira grosseira. Mas as mudanças ocorridas durante os últimos três ou quatro séculos – um diminuto período de tempo histórico – foram tão dramáticas e tão abrangentes em seu impacto que dispomos apenas de ajuda limitada de nosso conhecimento de períodos precedentes de transição na tentativa de interpretá-las. (GIDDENS, 1991, p. 14).

De modo geral, o autor afirma que a modernidade desvencilhou o ser humano imerso em tal período de todos os aspectos da ordem social precedente. Seguindo na mesma linha, MARQUES, BERUTTI e FARIA (2014, p. 9) afirmam que “O mundo moderno se reveste de uma série de especificidades que podem, em linhas gerais, ser analisadas, tomando-se como referência a percepção que alguns homens tiveram de que estavam vivendo um novo tempo”.

De acordo com os autores, muito embora a caracterização do período seja de extrema dificuldade, pode-se delimitar, com certa segurança, ponto inicial e final o que se refere à modernidade:

A “época moderna”, enquanto objeto de estudo, compreende o período que se estende da crise da sociedade feudal europeia no século XIV às revoluções democrático-burguesas dos séculos XVII-XVIII. Evidentemente, esta periodização pode e deve ser questionada se o estudioso tem como referência outros parâmetros. (MARQUES, BERUTTI e FARIA, 2014, p. 9).

Assim, os autores enquadram o período moderno entre o feudalismo e as revoluções-burguesas. “Julgamos que a primeira identificação que deveríamos sempre fazer é entre essa “Idade Moderna” que todos conhecemos e o período de transição do

feudalismo ao capitalismo na Europa centro-ocidental”. (MARQUES, BERUTTI e FARIA, 2014, p. 12).

Pode-se, ainda, estipular uma outra definição de modernidade, composta por algumas características a mais, visando precisar com maior exatidão este período histórico. De acordo com Zilles:

Por *modernidade* entendemos um processo histórico-cultural complexo de transformação de mentalidade no Ocidente, um processo que se desenvolve, em sentido mais estrito e de maneira consciente, do século XVII até meados do século XX, com consequências na atualidade em todos os campos. Em sentido mais amplo, a modernidade foi gestada num processo histórico-cultural no qual se podem destacar três etapas: a) *Início da experiência moderna* nos séculos XVI a XVII. Nessa etapa acontece uma ruptura com a tradição medieval através da descoberta do Novo Mundo, através do Renascimento Cultural, com o giro do teocentrismo para o antropocentrismo, e através da Reforma Protestante que fomenta a afirmação do individualismo moderno; b) *A era explosiva de convulsões em todos os níveis* da vida pessoal e social: a revolução francesa, a revolução industrial, expressões do iluminismo com o objetivo de universalizar a razão, proclamar o primado do indivíduo e de sua liberdade; c) *A modernidade, no século XX, produziu a modernização* e sua visão fragmentária em todos os campos. (ZILLES, 1993, p. 10, grifo do autor).

Deste modo, compreende-se por modernidade, para fins desta pesquisa, um período histórico decorrido entre o feudalismo e as revoluções-burguesas, entre os séculos XIV e XVII-XVIII, possuindo como característica central drásticas mudanças na estrutura social.

2.1 A MODERNIDADE E A IGREJA CATÓLICA

A modernidade representou para a igreja católica, de maneira gradual, uma série de confrontos teológicos, políticos e sociais, seja no âmbito cultural ou material. Dentro desta conjuntura, no entanto, dois grandes acontecimentos se destacam. De acordo com Andrade e Júnior:

O século XVI ficou marcado na história do cristianismo como o período em que houve dois movimentos destacados de reforma da teologia, da doutrina e da organização administrativa da igreja: a reforma protestante e a contrarreforma católica. (ANDRADE e JÚNIOR, 2021, p. 119).

Assim, para fins deste trabalho, serão analisados ambos os movimentos: a reforma protestante e a contrarreforma católica.

a. A REFORMA PROTESTANTE

A reforma protestante ocorreu no século XVI, tendo se iniciado como um movimento de ruptura para com o caminho tomado pela igreja católica no que se refere à teologia, doutrina e atuação. De acordo com Lobo e Portella:

Reforma é a designação atribuída ao movimento que culminou com a ruptura da hegemonia da igreja católica no ocidente europeu a partir de meados do século XVI, processo do qual emergiram as chamadas religiões protestantes. (LOBO e PORTELLA, 2017, p. 70).

Assim, compreende-se por reforma o movimento a partir do qual surgiram, paulatinamente, as religiões protestantes, ou mesmo as denominações protestantes dentro do cristianismo. A reforma, de modo geral, visava promover mudanças estruturais em relação à maneira a partir da qual a igreja católica interpretava os livros sagrados e lidava com a atuação prática na Terra. Conforme Andrade e Júnior:

A reforma protestante da igreja católica ocidental foi um movimento do século XVI que buscou promover uma renovação das crenças e das doutrinas por meio da valorização de princípios e fundamentos somente da Bíblia, em detrimento das tradições, algo que relaciona esse movimento religioso ao movimento cultural do humanismo e sua ênfase no retorno às fontes. (ANDRADE e JÚNIOR, 2021, p. 119).

A reforma nasce, portanto, com a premissa da valorização das escrituras em detrimento da doutrina cristã. Possui como marco inicial a apresentação por parte de

Lutero das célebres 95 teses nas quais o mesmo criticava aspectos específicos da igreja católica. Segundo Andrade e Júnior:

Os primeiros e principais líderes da reforma protestante foram Martinho Lutero, na Alemanha, Ulrico Zuínglio, na Suíça, e João Calvino, na França e na cidade de Genebra. O ato simbólico inicial do movimento ocorreu em 31 de outubro de 1517 na cidade alemã de Wittenberg. Foi nessa ocasião que o Frade agostiniano Martinho Lutero apresentou publicamente as 95 teses em que criticava a venda das indulgências que a igreja administrava para oferecer o perdão de pecados aos homens, as quais serviam como uma forma de angariar riquezas para a instituição. (ANDRADE e JÚNIOR, 2021, p. 119).

Martinho Lutero (1483-1546) foi consagrado como o principal nome da reforma protestante. Natural da cidade alemã de Eisleben, obteve ao longo de sua vida de estudos os títulos de mestre em Filosofia e doutor em Teologia. Como professor, lecionou na universidade de Wittenberg. Na universidade, suas aulas já manifestavam seu posicionamento frente à igreja católica. Conforme Lobo e Portella:

Durante suas aulas, manifestava seu posicionamento favorável à ideia de salvação pelo mérito da fé, e não das obras, mostrando-se crítico à prática católica de estimular os fiéis a fazerem doações materiais à igreja como forma de atenuar suas culpas perante Deus. (LOBO e PORTELLA, 2017, p. 81).

As teses propostas por Lutero criticavam especialmente a venda de indulgências realizada pela igreja católica. De acordo com Andrade e Júnior:

[...] A grande tese espiritual de Lutero era oriunda no texto bíblico da Carta aos Romanos do Apóstolo Paulo e afirmava que o perdão e a salvação disponibilizados na pessoa de Jesus Cristo aos pecadores eram um presente gratuito dado por Deus a todos que tivessem fé. (ANDRADE e JÚNIOR, 2021, p. 119).

Tal perspectiva teológica como que influenciou o ser humano a buscar um relacionamento mais “direto” com Deus, não necessitando, embora também não

excluindo, a participação da igreja enquanto instituição. Esta perspectiva apresentada por Lutero destoava completamente da doutrina católica. Conforme Andrade de Júnior:

[...] assim que a reforma começou a orientar um relacionamento direto do cristão com a pessoa divina, também houve a oportunidade para que o fiel buscasse a Deus de forma mais pessoal para o tratamento das inquietações de sua alma. Isso é algo que irá torná-lo alguém mais responsável pelas proposições éticas da fé, conduzindo-o para que se envolva mais diretamente na vida cotidiana da sociedade. (ANDRADE e Júnior, 2021, p. 121).

Por conta de seus atos, Lutero foi excomungado pelo Papa Leão X em 1520. Lutero foi convocado ao tribunal eclesiástico para ser julgado por suas ações. Ele, contudo, não compareceu para a audiência, de modo que posteriormente foi acusado de heresia e perseguido pelas autoridades eclesiásticas. Durante sua fuga do julgamento, de acordo com Lobo e Portella:

Contou com a proteção de alguns príncipes alemães, que viam no possível rompimento com Roma um bom negócio, pois isso poderia reduzir a interferência do papa em seus domínios e, conseqüentemente, ampliar a autonomia política e econômica. Entre esses nobres, havia o duque Frederico da Saxônia, também conhecido como Frederico, o Sábio, que acolheu e protegeu Lutero em seu castelo na região de Wartburg. (LOBO e PORTELLA, 2017, p. 83).

Lutero prosseguiu escrevendo acerca de seus posicionamentos, de modo que no ano de 1529 foi estabelecido que seus preceitos seriam permitidos em regiões em que príncipes assim as permitissem, mas proibidas nos demais locais da Alemanha, de forma tal que, por Lutero e seus seguidores protestarem contra essa decisão, passaram a ser denominados de Protestantes. Contudo, apesar da decisão e das demais medidas tomadas pela igreja católica, as ideias de Lutero continuaram a reverberar pela Europa e posteriormente através de todo o globo.

b. A CONTRARREFORMA CATÓLICA

De modo geral, pode-se compreender, a contrarreforma como a resposta da igreja católica ao movimento iniciado por Martinho Lutero. De acordo com Lobo e Portella:

O avanço do protestantismo na Europa suscitou uma forte reação por parte da igreja católica, que, buscando conter o avanço reformista, procurou adotar estratégias de reorganização e moralização do clero, bem como encontrar novos meios para expandir o catolicismo. O conjunto dessas estratégias é denominado **Reforma Católica** ou **Contrarreforma**, e foi sistematizado, em grande parte, no concílio realizado na cidade de Trento, Itália, entre 1545 e 1563. Ao longo desses 18 anos, os cinco papas que coordenaram o concílio reafirmaram seu compromisso com a manutenção dos dogmas católicos e reiteraram algumas práticas, tais como o Tribunal do Santo Ofício. (LOBO e PORTELLA, 2017, p. 94, grifo do autor).

Assim, a contrarreforma se apresenta como um movimento que visa expandir o catolicismo, de modo a como que “combater” o avanço do protestantismo. Tal como mencionado logo acima, o conjunto das estratégias utilizadas para realizar a contrarreforma foi sistematizado no Concílio de Trento. Quanto às razões para a realização do concílio na cidade de Trento, afirmam Andrade e Júnior:

Um dos motivos que levaram a liderança católica a organizar um concílio na cidade de Trento a partir de 1545 e que, com algumas interrupções, durou até 1563 foi o enfraquecimento da autoridade do papa, o que fazia com que o catolicismo não tivesse uma unidade de pensamento central para orientar suas atividades e suas práticas. Era preciso tratar o quanto antes das questões relacionadas aos desvios e à corrupção do clero e se fazia necessário responder aos questionamentos e às críticas levantados pelos protestantes. (ANDRADE e JÚNIOR, 2021, p. 122)

O concílio de Trento deliberou acerca de diversas questões, questões essas a partir das quais tomaram-se resoluções como a proibição da leitura de textos contrários ao pensamento católico, a construção de novas igrejas em diversas regiões da Europa e a inquisição como um tribunal de julgamento. Tais resoluções, segundo Andrade e Júnior:

[...] foram capazes de esclarecer o pensamento da igreja romana sobre diversos temas doutrinários importantes e acerca do modo como a educação e as missões católicas deveriam ser desenvolvidas pela igreja. Tais vieram a fortalecer suas atuações na sociedade europeia e em outros continentes no decorrer dos séculos seguintes. (ANDRADE e JÚNIOR, 2021, p. 123).

Assim, através da contrarreforma, o catolicismo acelerou sua expansão, de modo que ao longo dos séculos seguintes se espalhou por toda a Europa e por diversos outros países de outros continentes.

2.1.1 IMPACTOS E CONSEQUÊNCIAS DA MODERNIDADE NA IGREJA CATÓLICA

A partir do início da modernidade, o ser humano se deparou com diversas mudanças estruturais em seu modo de pensar, agir, viver e conviver em sociedade. A igreja católica, por sua vez, sofreu diversos impactos na razão direta em que a modernidade avançou em seu desenvolvimento. Porém, é importante frisar que a sequência de eventos, movimentos e ideias que resultaram em impactos para igreja católica não está apresentada de maneira cronológica, ainda que o primeiro movimento a ser destacado possa ser, sob determinado ponto de vista, considerado o primeiro deles em linha cronológica. Conforme Libânio:

O surgir da modernidade, que arranca do próprio seio da Igreja muita seiva que a alimenta, apareceu-lhe como a maior ameaça a sua integridade, a sua existência. Se no seu nascer as perseguições do Império Romano e dos judeus serviram para fortificar-lhe a fé, para temperar-lhe o espírito para sua tarefa missionária, os embates com a modernidade foram de outra natureza. (LIBÂNIO, 2002, p. 10).

A igreja católica, a partir da modernidade, teve de encarar ameaças não simplesmente de ordem física, mas também de ordem intelectual. De acordo com Libânio:

O maior inimigo não estava nas armas da força, que ainda a golpeavam. Desse tipo de adversário a Igreja tinha longa experiência e soubera sempre sair ainda mais végeta e nova. Mas agora surgiu um inimigo maior. Vestira-se de princípios, de valores, de cosmovisões que lhe questionavam em profundidade seu modo de crer, pensar, agir, organizar-se. E essa novidade exercia força de atração e sedução nos seus próprios filhos. (LIBÂNIO, 2002, p. 10).

Naturalmente, no que se refere à igreja católica, o período moderno inicia-se com o embate entre a igreja e a reforma. De um lado, os protestantes defendiam as ideias de salvação pela graça, pela fé e pelas escrituras. Do outro lado, o catolicismo reforçava a ideia da importância da própria igreja e de suas tradições para a verdadeira vida cristã e para a salvação. De acordo com Libânio (2002, p. 15) “A igreja católica, responsável por conservar uma longa tradição e muitas tradições, viu-se mais uma vez questionada em sua raiz. Refugou, de novo, esse avanço da modernidade subjetiva e individualista que lhe batia à porta”.

Assim, como primeiro impacto da modernidade no que diz respeito à igreja católica, destaca-se a ameaça protestante, estruturada sobre a ideia de liberdade espiritual individual, de modo a, no mínimo, tornar desnecessário a mediação da igreja na relação entre o ser humano e Deus. Tendo em vista a necessidade de se defender da ameaça protestante, a igreja católica buscou reforçar suas tradições. De acordo com Libânio:

Os aspectos objetivos, a autoridade do magistério, a prática externados sacramentos são reforçados em oposição à liberdade religiosa individual, à valorização das experiências pessoais e ao critério subjetivo da verdade. Assim, a igreja católica cria uma consciência de si marcada pela exterioridade e visibilidade, em oposição à suposta indefinição dos contornos eclesiais dos reformadores. (LIBÂNIO, 2002, p. 15).

Contudo, muito embora o impacto causado pela reforma protestante tenha sido tremendo, deve-se destacar também que as dificuldades encontradas pela igreja católica na modernidade não se restringem ao âmbito teológico. Com o advento da ciência moderna, seja a partir de célebres figuras como Descartes e Bacon, seja a partir de Copérnico e Galileu, a igreja se viu novamente em apuros frente à liberdade de pensamento, desta vez relacionado pensamento científico moderno. Conforme Libânio:

Esta nova concepção de ciência, de pensar livre, questiona uma igreja fechada na autoridade da tradição e da escritura literalmente entendida. [...] Esse processo foi, portanto, muito mais complexo que uma simples condenação do heliocentrismo. Tornou-se ponto de referência entre dois mundos, dois modos de pensar, duas cosmovisões. Custou muita crítica à Igreja. Não faltaram toques cênicos, como se conta, no ato da condenação de Galileu Galilei. De joelhos na sala do Santo Ofício, na condição de réu, ao ouvir a condenação da sentença de que a

Terra se move em torno do sol, ele levanta-se orgulhosamente diante de seus inquisidores e profere a famosa frase: “Eppur si muove” (E contudo a Terra se move). O caso Galilei significou mais um conflito entre igreja e a modernidade científica. (LIBÂNIO, 2002, p. 20).

Assim, um segundo impacto da modernidade sobre a igreja católica é o surgimento da ciência moderna e os avanços no sentido de liberdade de pensamento que tal ciência proporcionou. Naturalmente, tais avanços não se resumem puramente à ciência física, mas se estendem através de diversos campos do conhecimento humano, seja na filosofia moderna, a partir de Descartes, seja nas ciências naturais de modo geral.

É salutar destacar que, no que diz respeito ao campo político, a igreja recebeu um forte choque com relação à revolução francesa. A forte e rápida separação entre igreja e Estado ocorrida na França no século XVIII impactou severamente a igreja católica. Conforme afirma Libânio:

No campo político, duro golpe contra a igreja e o Estado das monarquias absolutas e a união de ambos foi desferido pela Revolução Francesa. No século XVIII, a situação parecia sólida para a Igreja e sua união com o Estado [...]. Destroem-se na França e em outros países sucessivamente os últimos resquícios das estruturas medievais da igreja. O papado vive duras vicissitudes, desde a prisão de Pio VII (1800-1823) até a perda dos territórios pontífices. Com efeito, a unificação da Itália, capitaneada por Cavour, contra a expressa vontade de Pio IX (1846-1878), com a ulterior redução dos territórios pontifícios ao minguado Estado da Cidade do Vaticano, termina por golpear mortalmente o poder temporal dos papas. (LIBÂNIO, 2002, p. 28).

Deste modo, a partir da modernidade, não apenas a igreja católica foi desvencilhada de diversos Estados, como foi reduzida a um pequeno Estado composto pela Cidade do Vaticano, o que foi certamente um grande ponto negativo para o poder da igreja.

Muitos dos acontecimentos apresentados até o presente momento, em menor ou menor grau, sustentam-se em um movimento de natureza intelectual intitulado de iluminismo. O iluminismo, por sua vez, tanto direta quanto indiretamente, causou severos impactos na igreja. De acordo com Zillas:

O iluminismo é, pois, um ato de fé na razão humana. Aponta a ignorância e o erro como única causa dos males do gênero humano. Entre os maiores males destaca a superstição – quando não a religião – por corromper a razão na sua origem. É conhecida a frase de Voltaire: “esmagai a infama”, referindo-se à Igreja Católica. O barão de Montesquieu (1689-1755) e Voltaire (1694-1778) foram defensores apaixonados do livre exercício da razão e inimigos ferozes de tudo que a pretendesse limitar. Voltaire ataca a tradição religiosa, a autoridade política e, em princípio, questiona todo o tipo de autoridade, inclusive a de Deus. No fundo, o iluminismo crê que só a luz da razão pode conduzir os homens à verdadeira liberdade. (ZILLAS, 1993, p. 14).

O iluminismo surge como um movimento em prol da razão humana em detrimento da fé, de modo que repudia não apenas a igreja enquanto tal, mas também a própria religião e suas práticas, de modo a afirmar que o ser humano deve guiar-se através do uso pleno de sua razão. Junto ao movimento iluminista, linhas de pensamento como o empirismo e o racionalismo influenciaram fortemente o pensamento da época. Naturalmente, tal perspectiva impactou severamente a igreja.

Todos estes elementos impactantes na modernidade resultaram em uma anulação de diversas certezas, de diversos fundamentos do ser humano medieval. Conforme Zillas:

O longo e irresistível processo da modernidade anulou certezas e convicções herdadas do passado; enfraqueceu os critérios de vida, de julgamento moral, critérios antes buscados na religião, fornecendo ao mundo orientação segura. Com isso balança a ordem *estável*, pois nada mais tem referência fixa e segura. Dessa forma, o homem moderno passa a viver com o sentimento de um mundo à deriva, sem rumo, caracterizado pela anarquia do pensamento. O mundo cindese entre a lógica sistêmica e a experiência vivida. Na primeira impera e atua a racionalidade instrumental e técnica; na segunda, a liberdade subjetiva. (ZILLAS, 1993, p. 26, grifo do autor).

Desta forma, tendo como premissa essa alteração sistêmica na vida do ser humano, torna-se compreensível que a religião tenha sido tão fortemente afetada pela modernidade, principalmente no que diz respeito à igreja católica, pois ela teve de rever seus posicionamentos no que diz respeito ao seu relacionamento para com os fiéis, de modo a não permitir que o movimento protestante e o movimento iluminista e suas consequências os afastassem da vida propriamente religiosa pautada em um relacionamento com o divino intermediado pela igreja.

3. METODOLOGIA

O presente trabalho foi realizado a partir de uma pesquisa de caráter bibliográfico, tendo como base a abordagem qualitativa. Desta forma, a pesquisa realizada foi desenvolvida a partir da análise sistemática do material escrito selecionado.

O material foi selecionado a partir das seguintes palavras chaves: igreja católica, reforma, impactos, consequências, modernidade, período moderno. Foram consideradas obras do início da década de noventa em diante.

Fazendo uso do material selecionado, foram realizadas sínteses entre os tópicos da pesquisa, de modo a construir teses que propiciaram o surgimento das conclusões da pesquisa.

A pesquisa seguiu os seguintes passos: em primeiro lugar foi delimitado o problema base para análise; em segundo lugar, foi selecionado o material para análise; em terceiro lugar, foi realizada o estudo profundo do material; por fim, todo o processo foi sintetizado na forma de artigo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A modernidade, através de seus diversos eventos, movimentos, avanços e novas perspectivas impactaram a igreja católica de diversas formas e em diversos graus de profundidade variados. Tais impactos estão principalmente relacionados com os aspectos doutrinários, teológicos e institucionais.

O período moderno germinou uma forte tendência à liberdade intelectual. Tal liberdade se consagrou não apenas no advento da ciência moderna, mas também no desenvolvimento da filosofia moderna, sobretudo a partir do pensamento de Descartes. Tal liberdade deflagrou, principalmente por intermédio da reforma protestante, uma forte tendência à liberdade de crença. Essa tendência se molda de maneira organizada no movimento iluminista.

Com a reforma protestante houve uma guinada teológica, por conta de a mesma influenciar o relacionamento direto do ser humano para por Deus, sem a necessidade da igreja como mediador. Essa perspectiva se esclarece através da salvação através da fé, da graça e das escrituras, todas teoricamente afastadas das tradições milenares da igreja católica.

Somada ao impacto causado pela reforma protestante, a revolução francesa resultou em uma separação entre a igreja e o Estado, movimento este que, com o passar do tempo, culminou na redução dos territórios da igreja ao Estado da Cidade do Vaticano, fato este que reduziu severamente o poder papal, muito embora não tenha reduzido necessariamente a influência do catolicismo como um todo.

A igreja católica, porém, não recebeu todos estes ataques em silêncio, mas revidou ao longo do tempo, principalmente através da contrarreforma, movimento este que resultou em uma expansão gradual do catolicismo através de toda a Europa e de diversos outros países nos demais continentes ao redor do globo.

De modo geral, pode-se afirmar que ao longo de toda a modernidade, os avanços científicos e tecnológicos, as reformas religiosas, o desabrochar do iluminismo e a produção filosófica moderna resultaram em diversos impactos na igreja católica. Ela, porém, prontamente revidou a todas estas ameaças, tendo saído vitoriosa em maior ou menor grau dependendo de cada confronto.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Marli Turetti Rabelo; JÚNIOR; Ivan Santos Rüppell. **O cristianismo e a civilização ocidental: influências culturais e movimentos históricos**. Curitiba: InterSaber, 2021.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 1991.

LIBÂNIO, João Batista. **Igreja contemporânea: encontro com a modernidade**. 2. Ed. São Paulo: Loyola, 2002.

LOBO, Andréa Maria Carneiro; PORTELLA, José Roberto Braga. **Percursos da história moderna**. Curitiba: InterSaber, 2017.

MARQUES, Adhemar Martins; BERUTTI, Flávio Costa; FARIA, Ricardo de Moura. **História moderna através de textos/ [seleção de]**. 12. Ed. São Paulo: Contexto, 2014.

ZILLES, Urbano. **A modernidade e a igreja**. Porto Alegre: Edipucrs, 1993.